

Dicionário de Yorubá - Umbanda:

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

Retirado do Livro: A Galinha-D'Angola de

Arno Vogel

Marco Antonio da Silva Mello

José Flávio Pessoa de Barros

Editora Pallas

- A -

ÀÀJÀ – Sineta de metal composta de uma, duas ou mais campainhas utilizadas por pais-de-santo (vd.) para incentivar o transe. Também chamado Adjarin.

ABIÃ – Posição inferior da escala hierárquica dos candomblés ocupada pelo candidato antes do seu noviciado; em yorùbá significa "aquele que vai nascer".

ABORÔ – Denominação genérica dos òrisà (vd.) masculinos, por oposição as iabás, que são as divindades femininas.

ADAHUN – Tipo de ritmo acelerado e contínuo executado nos atabaques (vd.) e agogós (vd.). É empregado sobretudo nos ritos de possessão como que para invocar os òrisà (vd.).

ADE – Termo com que se designam (nos candomblés) em especial os efeminados e, genericamente, os homossexuais masculinos.

ADÓSÙU – Diz-se daquele que teve o osùu (vd.) assentado sobre a cabeça. O mesmo que iaô.

ADUFE – Pequeno tambor. Instrumento de percussão de uso mais frequente nos xangôs (vd.) no Nordeste.

AFIN – O mesmo que ifin. Designa a noz-de-cola branca, na língua yorùbá; por extensão a cor branca (vd. efun).

ÀGBO – Infusão proveniente do maceramento das folhas sagradas as quais se vem juntar o sangue dos animais utilizados no sacrifício e substâncias minerais como o sal. Esse líquido, acondicionado em grandes vasilhames de barro (porrões), é empregado ao longo do processo de iniciação e para fins medicinais sob a forma de banhos e beberagens.

AGÈ – Instrumento musical constituído por uma cabaça envolta numa malha de fios de contas, de sementes ou búzios (vd.).

AGERE – Ritmo dedicado a Òsóòsi executado aos atabaques (vd.).

AGOGO – Instrumento musical composto de uma ou mais campânulas, geralmente de ferro, percutido por uma haste de metal.

AGONJÚ – Um dos doze nomes de Sòngó (vd.) conhecidos no Brasil.

AIYÉ – Palavra de origem yorùbá que designa o mundo, a terra, o tempo de vida e, mais amplamente, a dimensão cosmológica da existência individualizada por oposição a òrun (vd.), dimensão da existência genérica e mundo habitado pelos òrisà (vd.), povoado, ainda, pelos espíritos dos fiéis e seus ancestrais ilustres.

ÂJÀLÁ – vd. Òòsàálá

AJALAMO – vd. Òòsàálá

AJOGÚN – Palavra de origem yorùbá que designa os infortúnios, como a morte, a doença, a dor intolerável e a sujeição.

ÀKÀSA – Bolinhos de massa fina de milho ou farinha de arroz cozidos em ponto de gelatina e envoltos, ainda quentes, em pedacinhos de folha de bananeira. (Acaçá)

AKIDAVIS – Nome dado nos candomblés Kétu e Jeje (vd. Nação) as baquetas feitas de pedaços de galhos de goiabeiras ou araçazeiros, que servem para percutir os atabaques (vd.).

ÁLÁ – Pano branco usado ritualmente como pálio para dignificar os òrisà (vd.) primordiais. Geralmente feito de morim.

ALABÊ – Título que designa o chefe da orquestra dos atabaques (vd.) encarregado de entoar os cânticos das distintas divindades.

ALAMORERE – vd. Òòsàálá.

ALÉKESSI – Planta dedicada a Òsóòsi (vd.). Também conhecida como São Gonçalinho – Casaina silvestre, SW. F LACOURTIACEAE.

ALIÀSE – vd. runko.

AMACIS (ou AMASSIS) – Abluções rituais ou banhos purificatórios feitos com o líquido resultante da maceração de folhas frescas. Entram geralmente em sua composição as folhas votivas do òrisà do chefe-de-terreiro do iniciando, e as assim chamadas "folhas de nação" (vd.).

ANIL – vd. Wàjì.

ANGOLA – vd. Nação.

ANGOMBAS – vd. Atabaques.

ARREBATE – Abertura rítmica das cerimônias públicas dos candomblés. O modo vibrante de tocar os atabaques (vd.); eqüivale a uma convocação.

ÀSE – Termo de múltiplas acepções no universo dos cultos: designa principalmente o poder e a força vital. Além disso, refere-se ao local sagrado da fundação do terreiro, tanto quanto a determinadas porções dos animais sacrificiais, bem como ao lugar de recolhimento dos neófitos (vd. Runko). É usado ainda para designar na sua totalidade a casa-de-santo e a sua linhagem.

ASSENTAMENTO – Objetos ou elementos da natureza (pedra, árvore, etc.) cuja substância e configuração abrigam a força dinâmica de uma divindade.

Consagrados, são depositados em recintos apropriados de uma casa-de-santo. A centralidade do conjunto é dada por um òta, pedra-fetiche do òrìsà (vd.).

ATABAQUES – Trio de instrumentos de percussão semelhantes a tambores que orquestram os ritos de candomblé. Apresentam-se em registro grave, médio e agudo, sendo chamados respectivamente Rum, Rumpi e Lé (ou Runlé). Nos candomblés angola são chamados de Angombas. Sua utilização no âmbito das cerimônias, cabe a especialistas rituais (vd. Alabê e Ogâ).

AXOGUN – Importante especialista ritual encarregado de sacrificar, segundo regras precisas, animais destinados ao consumo votivo.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

- B -

BABAÇUÉS – vd. Candomblés.

BÀBÁLÁWO – Sacerdote encarregado dos procedimentos divinatórios mediante o òpèlè de Ifá, ou rosário-de-Ifá.

BABALORIXÁ – Sacerdote chefe de uma casa-de-santo. Grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. É o mediador por excelência entre os homens e os òrìsà. O equivalente feminino é denominado ialorixá. Na linguagem popular, são consagrados os termos pai e mãe-de-santo. Nos candomblés jeje – doté e vodunô; e nos angola – tata de inkice.

BABALOSSAIN – vd. Olossain.

BANHA-DE-ORI – Espécie de gordura vegetal obtida pelo processamento das amêndoas do fruto de uma árvore africana que é vendida nos mercados brasileiros para uso ritual nas casas-de-santo. Diz-se também "banha-de-Oxalá" e "limo-da-costela". A mesma denominação é dada a gordura de origem animal extraída do carneiro.

BANHOS – vd. Àgbo. vd. Amacis.

BARCO – Termo que designa o grupo dos que se iniciam em conjunto. Suas dimensões são variáveis. Há barcos de mais de vinte neófitos e "barcos-de-um-só". Através do barco se consegue a primeira hierarquização dos seus membros na carreira iniciática. Como unidade de iniciação gera obrigações e precedências imperativas entre os irmãos-de-barco ou irmãos-de-esteira.

BARRACÃO – vd. Casa-de-santo.

BATUCAJÉ – Com este termo costumava designar-se a percussão que acompanha as danças nos terreiros; por extensão designa também as danças.

BATUQUES – vd. Batucajé. vd. Candomblés.

BOMBOJIRA – vd. Èsù.

BORÍ – Ritual que, juntamente com a lavagem-de-contas, abre o ciclo iniciático. Fora deste ciclo, rito terapêutico. Em ambos os casos, consiste em "dar de comer e beber a cabeça".

BÚZIOS – Tipos de conchas de uso recorrente na vida ceremonial dos candomblés. Especialmente servem às práticas do dilogun – sistema divinatório onde são empregados geralmente dezesseis búzios.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

– C –

Cabaça – Fruto do cabaceiro (*Cucurbita lagenaria* L., ou *Lagenaria vulgaris* – cucurbitácea, e outras espécies). Sua carcaça é freqüentemente utilizada nos cultos afro-brasileiros como utensílio, instrumento musical" insígnia de òriùsà ou mesmo para representar a união de Obàtálá e Odùduwà (o Céu e a Terra).

CABOCLOS – Espíritos ancestrais cultuados nos candomblés-de-angola, de caboclos e na umbanda. São representados, geralmente, como índios do Brasil ou de terreiros da África mítica.

CAMARINHA – vd. Runko.

CANDOMBLÉS – Designação genérica dos cultos afro-brasileiros. Costumam, no entanto, distinguir-se pelas suas designações regionais: candomblés (leste-setentrional, especialmente Bahia), xangôs (nordeste-oriental, especialmente Pernambuco), tambores (nordeste ocidental, especialmente São Luís do Maranhão), candomblés-de-caboclo (faixa litorânea, da Bahia ao Maranhão), catimbós (Nordeste), batuques ou parás (região meridional, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), batuques e babaçuês (região setentrional, Amazonas, Pará e Maranhão), macumba (Rio de Janeiro e São Paulo).

CANDOMBLÉS-DE-CABOCLO – vd. Caboclo. vd. Candomblés.

CASA-DE-SANTO – Designação do espaço circunscrito que constitui a sede de um grupo de culto. Costuma chamar-se também de ilé (kétu), roga e terreiro (angola) e, em alguns casos, barracão. Este ultimo termo serve também para designar o recinto onde ocorrem as festas públicas.

CATIMBO – vd. Candomblés.

CAURIS – vd. Búzios.

CAXIXI – Chocalho de cabaça e de vime trançado, contendo sementes ou seixos. Em alguns casos, vasilhames rituais em miniatura.

CESTO-DA-CRIAÇÃO – O saco-de-existência (àpò aiyé), que, na cosmologia do povo-de-santo, Olódùmarè deu a Obàtálá para que criasse o mundo a flor das águas primordiais. Foi, no entanto, Odùduwà quem verteu o seu conteúdo sobre a superfície das águas.

CONGO – vd. Nação.

CONTRA-EGUN – Trança de palha-da-costa que os neófitos trazem amarrada nos dois braços, logo abaixo do ombro, com a finalidade de afastar os espíritos dos mortos.

[A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W](#)

DAN – Serpente sagrada (Daomé – Benin) representando a eternidade e a mobilidade sob a figura de uma cobra que engole a própria cauda. Genericamente designa os filhos-de-santo da nação jeje; encontrando-se sincretizada com Òsùmàrè e Besen.

DANDALUNDA – vd. Yemoja.

DEFUMADOR – Composto de essências aromáticas, folhas e cascas, usado ritualmente em fumigações propiciatórias e terapêuticas.

DENDÊ – Palmeira africana aclimatada no Brasil (*Elaeis guineensis*; Jacq.) de ampla utilização na liturgia dos candomblés. O óleo obtido dos seus frutos (azeite-de-dendê) é considerado indispensável para a elaboração de grande parte das comidas-de-santo. Suas folhas servem para guarnecer entradas e saídas das casas-de-santo (vd. màriwò).

DESPACHO – Tipo de oferenda dedicada a Èsù, quer no início das crimônias (vd. Pàdê), quer nas encruzilhadas, nos matos, rios e cemitérios.

DIA-DO-NOME – vd. Orúko.

DIJINA – Nome iniciático dos filhos-de-santo dos candomblés de nação angola.

DILOGUN (Érìn dínlógun) – Nome dado à adivinhação com búzios que podem ser de 4 a 36 (mais comumente 16). Nesse jogo de Ifá as respostas ao oráculo são dadas por Èsù.

DÓBÁLÈ – Cumprimento prescrito aos iniciados de òrisà femininos diante dos lugares consagrados ao culto, pai ou mãe-de-santo, òrisà e graus hierárquicos elevados. O termo iká designa o seu correspondente para o caso de filhos-de-santo de brisa masculinos.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

– E –

EBO – Termo que designa, genericamente, oferendas e sacrifícios, Usa-se também trabalho, despacho e, as vezes, feitiço.

EBÔMIN – Pessoa veterana no culto; título adquirido após a obrigação de sete anos. Opõe-se a iaô, sendo equivalente a vodunci.

ÈÈWÒ – vd. Quizila.

EFUN – Nome dado a argila branca com que são pintados os neófitos. Essa pintura corresponde ao que se chama de "mão-de-efun" (vd. 18-Efun). Como sinônimo de efun ocorre, também, afin.

EGÚN – Nome genérico dos espíritos dos mortos.

EGÚNGÚN – Espíritos dos ancestrais, cultuados especialmente em terreiros situados na Ilha de Itaparica, na Bahia.

ELÉEBO – Aquele em nome do qual se faz o sacrifício ou oferenda.

ENI – Nome dado a esteira de palha utilizada pelos neófitos, sobretudo durante o período de reclusão. É empregada como "mesa", "cama" e "tapete" em distintos ritos. No candomblé é usual a expressão "irmãos-de-esteira" para designar o conjunto de neófitos reclusos ao mesmo tempo, e que eventualmente tenham partilhado esse artefato simbólico na liturgia da iniciação.

EQUÉDE – Cargo honorífico circunscrito às mulheres que servem os òrisà sem, entretanto, serem por eles possuídos. É o equivalente feminino de ogã:

ERÉ – Termo que caracteriza um estágio de transe atribuído a um espírito-criança.

ESSA – Espíritos de ancestrais ilustres do candomblé.

Èsù – Primogênito da criação. Também conhecido como Elégbára (jeje) é popularmente referido como compadre ou homem-da-rua. Suscetível, irritadiço, violento, malicioso, vaidoso e grosseiro. Dizem que provoca as calamidades públicas e privadas, os desentendimentos e as brigas. Mensageiro dos òrisà e portador das oferendas. Guardião dos mercados, templos, casas e cidades. Ensinou aos homens a arte divinatória. Costuma-se sincrétizá-lo com o diabo. Ocorre tanto em representações masculinas como femininas. Nas casas angola é Bombogira; nas casas angola-congo é (Exúlonâ). Na umbanda tem múltiplas personagens, entre elas, Pomba-gira. Suas cores são o vermelho e o preto. Saudação – "Laró yè!".

ESTEIRA – vd. Eni.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

— F —

FAMÍLIA-DE-SANTO – Termo de referencia que designa os laços de parentesco místico nos quais incorre o filho-de-santo em virtude da iniciação.

FEITO – 0 mesmo que adósùu e iaô.

FEITURA – Processo de iniciação que implica em reclusão, catulagem, raspagem, pintura, instrução esotérica, imposição do osùu (vd.) e apresentação pública (vd.) orúko.

FILHO-PEQUENO – Termo de parentesco místico que se refere a um laço interposto pela iniciação entre um noviço e seu padrinho, gerando obrigações e deveres semelhantes aos do compadrio (vd. Mãe-pequena).

FILHO-DE-SANTO – Diz-se de todo aquele que é afiliado ao candomblé. (vd.Povo-de-santo).

FIRMA – Fecho de colar de forma cilíndrica. Suas cores indicam a vinculação de seu portador a um determinado òrìsà.

FÓN – vd. Jeje. vd. Nação.

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W

- G -

GANZÁ – Instrumento musical de percussão, semelhante a um chocalho, geralmente de folha-de-flandres e forma cilíndrica, contendo em seu interior pedaços de chumbo ou seixos.

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W

- H -

HAMUNYIA – Cadencia executada pelos atabaques e agogôs que capitula a estrutura dos diferentes toques que marcam o siré (vd.). Mais conhecida por Avamunha.

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W

- I -

IABÁ – vd. Aborô.

IÁBASSÉ – Especialista ritual encarregada do preparo das comidas votivas dos òrìsà.

IÁ-EFUN – Especialista ritual encarregada das pinturas corporais durante o período de iniciação. Embora esse título honorífico signifique literalmente "mãe-do-efun", o ofício litúrgico não se limita às pinturas com o pigmento branco (efun). São também empregados: wájí e osùn, respectivamente as cores azul e vermelho.

IYÁ EGBÉ – Título honorífico importante na hierarquia dos terreiros que distingue sua portadora como "mãe-da-comunidade".

IÁLAXÉ – Título honorífico geralmente ostentado pela própria mãe-de-santo, significando "mãe-do-axé" ou "zeladora-do-axé".

IALORIXÁ – vd. 8ababorixá.

IAÔ – Termo que designa o noviço após a fase ritual da reclusão iniciatária. Em yorùbá significa "esposa mais jovem".

IFÁ – Deus dos oráculos e da adivinhação. Senhor do destino. Há quem afirme ser sua representação a cabaça envolvida por uma trama de fios de búzios. Sua cor é o branco. Seu dia é a quinta-feira. Conhecido também como Òrúnmìlà, "somente-o-céu-sabe-quem-será-salvo". Saudação – "Eèpààbàbá!"

IGBÁ ODÙ – Expressão yorubá que designa a cabaça ou o artefato litúrgico que contém no seu interior os elementos simbólicos e as substâncias que tornam possível a existência individualizada.

IGBÁ-ORÍ – Expressão yorubá que designa, no rito do borí, o recipiente em que vão sendo depositadas as substâncias constitutivas e reveladoras da identidade do sacrificante. Literalmente significa "cabaça-da-cabeça". Na liturgia dos candomblés é freqüentemente utilizada a forma ibá, com o mesmo sentido.

ÌGBÍN – Cadência rítmica lenta executada pela orquestra ceremonial em louvor a Òòsàálá. O termo designa também o molusco gasterópode terrestre, com concha univalva, corpo prolongado e tentáculos na cabeça. E o caracol também conhecido como "o boi de Òòsàálá" e sua oferenda predileta. Na linguagem corrente dos candomblés é usual a forma ibí.

ÌJÈSÃ – vd. Nação.

IKÁ – vd. Dòbálé.

Ìkóòdídé – Pena vermelha do papagaio-da-costa (*Psittacus erithacus*, sp.). Simboliza o nascimento do novo filho-de-santo e, de um modo geral, a fecundidade.

ILÉ – vd. Casa-de-santo.

ILÉ-ÒRÌSÀ – Expressão yorùbá que designa a dependência de uma casa-de-santo onde se encontram depositadas as diferentes insígnias e objetos que compõem a representação emblemática de cada um dos òrìsà. É também conhecida a forma "quarto-de-santo" ou "casa-do-santo".

INKICE – vd. Òrìsà.

IRMÃO-DE-AXÉ – Termo de referência que designa a relação de parentesco místico entre os membros de uma mesma casa-de-santo. Diz-se, também, irmão-de-santo.

IRMÃO-DE-BARCO – vd. Barco.

IRMÃO-DE-ESTEIRA – vd. Eni.

ÌYÁSAN – Divindade das tempestades e do Rio Niger, mulher de Ògún, e, depois, de Sòngó. Relacionada com os vendavais, os raios e os trovões. Sincretizada com Santa Bárbara. Seu dia da semana é a quarta-feira. Suas insígnias são a espada e o espanta-moscas de crinas de cavalo. Suas cores são o vermelho escuro e o marrom. Considerada a mãe dos egún, que é a única a dominar. Saudação – "Eparrei !"

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

– J –

JEJE – vd. Nação. vd. Fón.

JELÚ – Um dos nomes pelos quais é conhecido Èsù Àjelú ou Ijelú.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

– K –

KÉTU – vd. Nação.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

- L -

LAVAGENS – Termo genérico pelo qual são designados os ritos Iustrais dos candomblés. Esses ritos purificatórios podem ser exercitados sobre os colares ceremoniais, as pedras (òtá) consagradas aos òrìsà, e nos templos. A mais tradicional manifestação publica dessa cerimônia é realizada na Igreja de N. S. do Bonfim, na Bahia.

LAVAGEM-DE-CONTAS – Rito de agregação que consiste em lustrar os colares sagrados. Esse ritual marca o aparecimento do postulante como abiã, vinculando-o a estrutura hierárquica de uma casa-de-santo.

LÒGÚN EDE – Divindade yorùbá considerada no Brasil filho de Ibualama ou Inle (Ósóòsi) e Òsun Yéyéponda. Homem durante seis meses, jovem e caçador. Nos outros seis, mulher, bela ninfa que só come peixes. Suas insígnias são o ofà (vd.) e o leque dourado (abebe) de Òsun. Suas cores são o azul e o amarelo-ouro translúcido. Seu dia da semana é quinta-feira. Saudação – "Lóògún!"

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W

- M -

MACUMBAS – vd. Candomblés.

MÃE-CRIADEIRA – Termo de referência que designa a ebômin encarregada de atender o noviço durante o seu período de reclusão. É a responsável pelo preparo e administração dos alimentos; higiene pessoal; guarda-roupa e instrução do neófito nos mistérios do culto. Por isso, diz-se que "cria" aquele que está sendo iniciado.

MÃE-DE-SANTO – vd. Babalorixá.

MÃE-PEQUENA – Título honorífico feminino que corresponde à segunda pessoa na ordem hierárquica de uma casa-de-santo. Também ocorre a forma ia-kekerê. Seu equivalente masculino é pai-pequeno. Diz-se, também, mãe ou pai-pequeno daquele que, ao lado da mãe ou pai-de-santo, encarrega-se da formação do iaô (vd. Filho-pequeno).

MÀRÌWÒ – As folhas desfiadas do dendzeiro (*Elaeis guineensis*, A. Cheval, PALMAE) que guarnecem as entradas de uma casa-de-santo contra os egún, os espíritos dos mortos.

MATAMBA – vd. Ìyásan.

MAWU – vd. Òòsàálá

MOJÚBÀ – Louvação endereçada aos ancestrais ilustres, forças da natureza e aos próprios òrìsà, durante os ofícios litúrgicos.

MUZENZA – Diz-se dos filhos-de-santo nos candomblés de "nação" angola. O mesmo que iaô. Por extensão, designa a primeira saída pública do neófito no rito angola. Significa, literalmente, "estranho ser animado", na etimologia da língua kikongo.

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W

– N –

NAÇÃO – Designa, no Brasil, os grupos que cultuam divindades provenientes da mesma etnia africana, ou do mesmo subgrupo étnico. No exemplo do primeiro caso as "nações" congo, angola, jeje, ao passo que o segundo caso é ilustrado por kétu, ijesà e òyó, correspondentes aos subgrupos da etnia nagô. Trata-se, na verdade, de categorias abrangentes as quais se reduziram as múltiplas etnias que o tráfico negreiro fez representadas no País. O termo tem servido para circunscrever os traços diacríticos através dos quais se revela um mundo caracterizado por um notável conjunto de elementos comuns. Tem servido, além disso, paia hierarquizar esse universo em termos da maior ou menor "pureza" atribuída a cada "nação" em virtude de uma suposta fidelidade e autenticidade litúrgicas.

NÀNÁ – Divindade das águas primordiais, dos pântanos e brejos. Daí associada quer ao limo fertilizante e a vida, quer a putrefação e a morte. Considerada mãe de Omolú é sincretizada com Sant'Ana. Suas cores são o vermelho, o branco e o azul que exibe em seus colares. Sua insígnia é o Ibiri – artefato confecionado com a nervura central das folhas do dendêzeiro, de ápice recurvo como um báculo. Seu dia é sábado. Saudação – "Sálùba"

NOZ-DE-COLA – vd. Obì.

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W

– O –

OBÁ – Terceira mulher de Sòngó, Obá é a deusa nigeriana do rio do mesmo nome. Muitas vezes se confunde com Íyásan, pois, além de casada com Sòngó, usa também espada de cobre. Na outra mão leva, seja um escudo, seja um leque com o qual esconde uma de suas orelhas em lembrança do episódio mítico que deu margem à sua rivalidade com Òsun. No Brasil é sincretizada com Santa Catarina e Santa Joana d'Arc. Seu dia é quarta-feira. Seus colares são de contas alternadamente amarelas e vermelhas de tonalidades leitosas. E saudada como "Obáxireê!"

OBALÚWÀIYÉ – É a "forma" jovem de Sòpònón, do qual Omolu é a "forma" velha. Divindade da varfvolá e das moléstias infecto-contagiosas e epidêmicas, consta como filho de Nàná, criado por Yemoja, e, portanto, irmão de Ósùmàrè. Veste-se todo de palha, com o que cobre as suas ulcerações. Sua saudação – "Atotó!" – significa "Calma!", exigida a um deus tão poderoso e temível. Sua insígnia é o sàsàrà – feixe de nervuras das folhas do dendzeiro, amarrado com tiras de couro, em vermelho e preto (ou branco e preto), incrustadas de búzios. É sincretizado, no Brasil, com São Roque, as vezes, com São Lázaro e ainda com São Sebastião, em Recife.

OBÀTÁLÁ – vd. Òòsàálá.

ÒBE – Termo que designa a faca usada nos sacrifícios, por extensão qualquer faca no jargão do candomblé.

ÒBÌ – Fruto de uma palmeira africana (*Cola acuminata*, Schott. & Endl. – STERCULIACEAE) aclimatada no Brasil. Indispensável no candomblé, onde serve de oferenda para os òrisà e é usado nas práticas divinatórias simples, cortado em pedaços.

OBRIGAÇÃO – vd. Ebo.

OBRIGAÇÃO DE SETE ANOS – É uma das obrigações mais importantes da carreira iniciática. Equivale a um autentico rito de investidura, a partir do qual, tornando-se ebômin, o filho-de-santo pode proceder a iniciação de outros.

ODÙ – Pronunciamento oracular resultante da prática divinatória com o òpèlè (vd.), com os cocos de dendê (vd.) ou com os búzios (vd.). Há 16 odù primários ou maiores. Suas combinações com os 16 secundários resultam em 256, cujos desdobramentos chegam a 4.096. Cada odù é nominado e pertence a uma divindade.

ODÙDUWÀ – Divindade yorubá, ora apresentada, nos mitos, como masculino e irmão de Obátálá (vd.) (vd. também Cesto-da-criação), ora como feminino e, no caso, esposa deste ultimo. Odùduwà significa "a cabaça de onde jorrou a vida". É evocada, no Brasil, em alguns terreiros (vd.) e, também, no candomblé-dos-eguns de Itaparica (vd. Egúngún).

ODUNDUN – A folha-da-costa ou saião africano (*Kalanchoe brasiliensis*, Comb.–CRASSULACEAE). Uma das folhas rituais mais importantes dos candomblés.

OFÀ – Designa o instrumento simbólico de Òsóòsi, consistindo num arco e flecha unidos em metal branco ou bronze.

OGÃ – Título honorífico conferido, seja pelo chefe do terreiro, seja por um òrisà incorporado, aos beneméritos da casa-de-santo, que contribuam com sua riqueza, prestígio e poder, para a proteção e o brilho do àse (vd.). Esse tipo de titulatura admite uma série de especificações que abrangem, desde cargos administrativos, até funções rituais. A iniciação dos ogãs é mais breve e se distingue daquela dos iaôs (vd.), por excluir a catulagem, a raspagem e alguns outros rituais. Tal como as equédes (vd.) os ogãs não são passíveis de transe.

ÒGÚN – Divindade da força e dos usuários do ferro; por extensão, da guerra e da agricultura e, também, da caça ou de todas as demais atividades que envolvem a manipulação de instrumentos de ferro. É rei de Iré e por isso chamado, no Brasil, Oniré. Costuma ser representado por um semicírculo soldado a base por uma haste, no qual se encontram, pendurados no arco do semicírculo, todo o tipo de instrumentos, que, como o conjunto inteiro, são de ferro. É filho de Yemoja e irmão de Èsú e Òsóòsi. Por isso, tem a ver com os caminhos, a caça e a pesca. Pertence-Ihe a faca sacrificial – o òbe (vd.). Os colares são de contas verdes ou azul-escuro (em angola). Seu dia é a terça-feira. Saudação – "Ògún yé!".

OLÓDÙMARÈ – vd. Olóòrun.

OLÓÒJÀ – Expressão yorubá que na língua ordinária significa seja o vendedor, seja o dono do mercado. Na cosmologia do povo-de-santo, a locução dono-do-mercado equivale a um dos títulos de Èsú.

OLÓRÍ – Termo que designa o "dono da cabeça", isto é, o òrisà pessoal de cada iniciado (vd. Ori).

OLÓÒRUN – Divindade suprema yorubá, criador do céu e da terra. Deus do firmamento. É o Eléeda, "senhor-das-criaturas-vivas"; o elééémí "dono-da-vida"; que criou o homem e a mulher a partir do barro, encarregando seu filho, Obátálá, de moldá-los e animá-los com o sopro vivificante. De caráter inamovível, é o numinoso que permanece fora do alcance dos homens que não Ihe podem render culto. Não tem insígnias. Sua cor é o branco absoluto. É também chamado de Olódù-marè.

OLOSSAIN – Sacerdote encarregado da coleta e da preparação ritual das ervas sagradas na liturgia dos candomblés. O mesmo que babalossain.

ÒÒSÀÁLÁ – Este é o nome pelo qual se conhece, no Brasil, Obátálá (o Senhor do Pano Branco) e significa "o grande òrisà". Filho de Olóòrun (vd.) foi encarregado

por este de criar o mundo e os homens. Nesta ultima condição é portador dos títulos de Àjàlá, Àjàlámò e Alá-morerê. Apresenta-se ora como um jovem guerreiro, simbolizado pelo arrebol – Òsòginyón, ora como um velho, curvado ao peso dos anos, simbolizado pelo sol poente – Òsòlufón. Suas insígnias, em prata lavrada, são, em consequência, ora a espada e o pilão, ora o òpásorò – um bastão com aros superpostos, adornados de pingentes, encimados por um passado (em geral uma pomba) – símbolo do poder. Costuma-se sincretizá-lo com Nosso Senhor do Bonfim. Sua cor heráldica é o branco e seu dia a sexta-feira. A ele se dedica a grande festa popular da "lavagem do Bonfim" (vd. Lavagem). Saudação – "Eèpàà bàbá! Eèpàà èé!"

ÒPÈLÈ – Colar aberto no qual se encadeiam oito metades de coquinhos de dende, mediante um fio trançado de palha-da-costa. É o instrumento divinatório privativo dos autênticos sacerdotes de Ifá (vd. – Os bàbálawo (vd.).

ORÍ – Termo que designa a cabeça na vida litúrgica dos candomblés. É, além disso, uma divindade doméstica yorubá guardiã do destino e cultuada por adeptos de ambos os sexos. Também se diz que é a alma orgânica.perecível, cuja sede é a cabeça – inteligência, sensibilidade, etc.

ORÍKÌ – Conjunto de narrativas da saga mística dos òrìsà que proclaimam seus feitos. Ocorre também sob a forma de pequenos enigmas endereçados a uma pessoa como voto de bons augúrios.

ÒRÌSÀNLÁ – É um título de Obàtálá, a partir do qual se formou, no Brasil, o nome Oxalá.

ÒRÌSÀ – Qualquer divindade yorubá com exceção de Olóòrun (vd.). Seus equivalentes fón (vd.) são voduns. A designação das divindades do culto angola-congo que lhe correspondem é inkice. Essas equivalências são imperfeitas, pois, ao passo que uns são forças da natureza, outros são espíritos que retornam sob a representação de animais, enquanto outros ainda são espíritos ancestrais.

ORÓGBÓ – Fava de uma planta africana adaptada no Brasil (*Garcinia Kola*, Haeckel, GUTTIFERAE).

ORÚKO – Expressão yorubá, empregada na liturgia dos candomblés, que significa "qual é o teu nome?". Ocorre na mais expressiva cerimônia pública do candomblé, conhecida como saída-de-santo, dia-do-nome, saída-de-iaô e muzenza.

ÒRUN – vd. Aiyé.

ÒRÚNMÍLÀ – vd. Ifá.

ÒSÓNYNÌN – Òrìsà das folhas litúrgicas e medicinais, imprescindíveis para a realização do culto. Na África é considerado companheiro de Ifá e também

adivinho. Seu emblema são sete hastes de ferro pontiagudas, das quais a haste central é encimada por um pássaro. As sete hastes estão soldadas pela base, formando, no seu ápice, um círculo em torno da haste com o pássaro. As cores das contas de seus colares são o verde (ou azul) e o vermelho leitoso. Seu dia é, para alguns, a seguinda, e para outros, a quinta-feira. Sua saudação – "Ewé ó!"

ÒSÓÒSÌ – Filho de Yemoja, irmão de Ògún (vd.), companheiro de Èsú e Òsónyìn, este òrisà, considerado rei de Kétu, tem o título de ode (o Caçador). No Brasil é sincretizado, seja com São Jorge (na Bahia), seja com São Sebastião (no Rio de Janeiro e Porto Alegre). Seu símbolo é o ofà (vd.). O catar votivo é de contas azul-de-viena (azul esverdeado). Saudação – "Òkè àró"

ÒSÙMÀRÈ – Costuma ser identificado com o arco-íris e com a serpente. Representa a continuidade, o movimento e a eternidade. No Brasil é considerado irmão de Obaluwàiyé (vd.) e filho de Nàná (vd.), possivelmente em virtude de sua origem daomeana. Dele se diz que é o Rei de Jeje. Seu símbolo são as duas cobras que leva nas mãos quando dança, sendo uma masculina e outra feminina, alusão ao seu caráter duplo de macho e fêmea. Dia consagrado: terça-feira. Colares de contas verdes e amarelas listradas. Saudação – "Aróbò bo yí!" Sincretizado com São Bartolomeu.

ÒSÚN – Divindade das águas, em particular no Rio Òsún, na Nigéria. E a segunda esposa de Sòngó, mas foi casada também com Ògún e Òsóòsì. Deste último casamento nasceu Lògún-edé (vd.). Seus símbolos são o leque dourado e a espada. É pois uma iabá que se caracteriza pela coqueteria, gostando de enfeites e jóias de ouro (ou cobre amarelo). Tem o título de Ialodê – chefe das mulheres do mercado, sendo sincretizada no Brasil com diversas Nossas Senhoras (da Glória, da Conceição, do Carmo, das Candeias, da Candelária) e com Santa Luzia. Além disso, é a Rainha de Òsogbo e Òyó. Seus colares são de contas amarelo-douradas translúcidas. Saudação – "Rora yèyé o!" Seu dia é o sábado.

OSÙU – Artefato cônico, confeccionado a partir de substâncias sagradas de origem animal, vegetal e mineral, imposto a cabeça do noviço após as incisões rituais feitas sobre o alto do crânio (vd. Adósùu).

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

– P –

PÀDÉ – Rito que é desempenhado no início das cerimônias do candomblé em homenagem a Èsù, considerado necessário como rito propiciatório, pois as primí

cias sacrificiais devem caber aquele que é, além de primogênito da criação, o portador titular de qualquer oferenda. O seu não cumprimento é visto como implicando em perturbação de toda a ordem ritual.

PAI-DE-SANTO – vd. Babalorixá.

PAI-PEQUENO – vd. Mãe-pequena.

PALHA-DA-COSTA – Tipo de palha proveniente da Costa da África, com que se designa a região sudanesa da África Ocidental (Golfo da Guiné). Usa-se trançada em diferentes artefatos litúrgicos.

PATÉWÓ ou ÌPATÉWÓ – Palmas em cadência sincopada empregadas como saudação aos orixás, bem como em circunstâncias que impõem o silêncio, como no caso do recolhimento, para indicar uma necessidade a ser atendida. Diz-se paô.

PARÁS – vd. Candomblés.

PEJÍ – Espécie de altar onde se encontram dispostos os diversos tipos de insígnias da divindade, como as pedras votivas (óta), armas e demais objetos simbólicos, e onde estão dispostos os recipientes contendo as comidas ofertadas aos orixás.

PEMBAS – Espécie de giz de diferentes cores que é usado para traçar desenhos mágico-religiosos e de caráter invocatório. É mais freqüentemente empregado nos ritos de umbanda.

POMBA-GIRA – vd. Èsù.

POVO-DE-SANTO – Designação coletiva que abrange o conjunto dos filhos-de-santo de todos os candomblés.

PRETOS-VELHOS – Termo que designa um tipo de entidade característica dos cultos de umbanda. Representam os espíritos de negros escravos que se notabilizaram por sua humildade, sabedoria e magia. São conhecidos como Vovô/Vovó, Tio/Tia e Pai/Mãe.

[A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W](#)

- Q -

QUEBRA-DE-QUIZILA – vd. Quizila.

QUITANDA-DE-IAÔ – Rito do ciclo iniciático em que são rompidos alguns dos tabus que cercam o noviço. Consiste no desempenho dramático de funções e atividades evocativas de situações do quotidiano. O termo alude, ainda, a venda que o iaô efetua de produtos variados (frutas, doces, etc.) expostos sobre tabuleiros, como nas feiras e mercados. A origem do termo quitanda é kimbundo e significa expor, e, por extensão, feira ou mercado.

QUIZILA – Interdito ritual; o mesmo que èèwò. Na liturgia dos candomblés há um ciclo ceremonial, onde se realiza o rompimento dos tabus que circundam o noviço durante a iniciação, conhecido como quebra-de-quizila. Dele fazem parte o panán e a quitanda-de-iaô.

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W

- R -

ROÇA – vd. Casa-de-santo.

RUM, RUMPI, RUNLÉ – vd. Atabaques.

RUNKO – Termo pelo qual se designa o aposento destinado a reclusão dos neófitos durante o processo de iniciação. Foi conhecido também como alíase, camarinha ou ainda àse.

A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - V - X - Y - W

- S -

SAÍDA-DE-SANTO – vd. Orúko.

SAKPATÁ – vd. Obaluwàiyé.

SANTO – vd. Òrìsà.

SAWORO – Artefato de palha trançada e que tem como fecho um guizo. O noviço deve tê-lo atado ao tornozelo, e portá-lo durante um largo período após a sua reclusão. Um dos símbolos ceremoniais da sujeição do iaô numa casa-de-santo.

SIRI – Conjunto de danças ceremoniais onde ocorrem distintos ritmos, cânticos e estilos coreográficos característicos do desempenho de cada Òrìsà.

SÒNPÒNNÓN – vd. Obalúwàiyé.

SÒNGÓ – Divindade iorubana do raio e do trovão. Descendente do fundador mítico da cidade de Òyò e seu 4º. rei. Seu símbolo é o machado duplo, notabilizando-se ainda como o dono da pedra-do-raio, indispensável aos seus assentamentos. E viril, como atestam suas várias esposas (Òsun, Oba, Oya), violento e guerreiro, distinguindo-se, sobretudo, pelo seu senso de justiça, aspecto mais desenvolvido da sua representação no Brasil, e que o liga a São Jerônimo, com quem é sincretizado. Suas cores são o vermelho e o branco. Seu dia é quarta-feira. Saudação – "Ká wòóo, ká biyè sí!"

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

– T –

TAMBORES-DE-MINA – vd. Candomblés.

TATA-DE-INKICE – vd. Babalorixá.

TEMPO – É um índice. Corresponde ao ìrokò nagô. Muitas vezes seus assentamentos (vd.) se encontram ao ar livre, isto é, "no tempo". Dele se diz que é o dono da bandeira branca que distingue as casas-de-santo (vd.). Seu símbolo é uma grelha de ferro com três pontas-de-lança. É sincretizado com São Lourenço, santo católico que sofreu o martírio sobre uma grelha.

TERREI ROS – vd. Candomblés.

TETEREGUN – Planta da família das ZINGIBERACEAE (*Costus spicatus*, SW.). É conhecida, ainda, como sangolovô e cana-de-macaco. Na classificação das folhas liturgias é considerada de agitação.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

– V –

VODUN – vd. Òrìsà.

I/ODUNCI – vd. Ebômin.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

- X -

XANGÔS – vd. Candomblés.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

- Y -

YEWÀ – Òrìsà feminino do rio e da lagoa Yewè, na Nigéria. Uma das iabás, considerada ora irmã de iyásan, ora esposa de Òsùmáré. Seu nome significa beleza e graça. As cores de seus colares são o vermelho e o amarelo. Usa como insígnias o arpão, a âncora e a espada. Ha um vodun daomeano com o mesmo nome, cultuado em São Luís do Maranhão. Saudação – "Riró!".

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)

- W -

WÁJÌ – Nome litúrgico do anil ou índigo, a cor azul-escura.

[A](#) - [B](#) - [C](#) - [D](#) - [E](#) - [F](#) - [G](#) - [H](#) - [I](#) - [J](#) - [K](#) - [L](#) - [M](#) - [N](#) - [O](#) - [P](#) - [Q](#) - [R](#) - [S](#) - [T](#) - [V](#) - [X](#) - [Y](#) - [W](#)